

o estilo de consciência foi mudado do utilitário para o estético ou o espiritual.”

Huxley, ao mesmo tempo que estava vivamente interessado nos aspectos bioquímicos da mente humana, era hostil a várias formas de psicoterapia. Sua intolerância para com Freud era igualada por sua tolerância para com a pesquisa psíquica, principalmente conforme ela era representada pelo classicista britânico Frederic W. H. Myers, autor de *Human Personality and Its Survival of Bodily Death* [A Personalidade Humana e Sua Sobrevivência Após a Morte do Corpo] (Londres, 1903). Em seus *Ensaios Completos* (Nova Iorque, 1959) fez comparações desfavoráveis entre Freud-Jung e Myers, dizendo que as “rusgas sectárias” entre várias escolas de psicoterapia poderiam ter sido evitadas se “os combatentes se tivessem dado ao trabalho de estudar” a *Personalidade Humana*, de Myers. Huxley expressou a opinião que “Myers lançou uma teoria sobre o inconsciente muito mais inteligente do que a hipótese estreita e unilateral de Freud e superior à de Jung por estar melhor documentada com fatos concretos e menos entulhada com aquelas especulações psicoantropológico-pseudogenéticas que enevoavam os escritos do sábio de Zurich”. Huxley mostrou-se muito suscetível quanto ao que considerava como a superinflação do papel de Freud como um originador de idéias, que acabara por toldar as realizações dos psiquiatras britânicos anteriores.

Myers e Freud realmente pensaram muito bem um do outro, embora Huxley repetisse, em *Literature and Science* [Literatura e Ciência] (Nova Iorque, 1963), que a teoria do inconsciente, de Freud, era “menos compreensível do que a de Myers” porque “ele [Freud] deu pouca atenção àquilo que poderia ter chamado de lado positivo do inconsciente”. Na verdade, Myers ficara absolutamente fascinado pelas idéias de Freud. Apenas três meses depois de sua primeira publicação, em alemão, ele as apresentou em uma palestra na Sociedade de Pesquisas Psíquicas, em 1893, e resumiu-as nas edições subsequentes do *Jornal da Sociedade*. Alan Gauld, que por vários anos foi editor das publicações da Sociedade de Pesquisas Psíquicas, confirma em *The Founders of Psychological Research* [Os Fundadores da Pesquisa Psíquica] (Nova Iorque, 1968) que Myers foi o primeiro a chamar a atenção do mundo de língua inglesa para o trabalho de Freud. Gauld, que analisa detalhadamente o conceito do “eu subliminal” de Myers, não encontra

analogia intrínseca entre este conceito e o “inconsciente”, tal como é visto por Freud e Jung. Foi Myers, sem dúvida, quem persuadiu Freud a tornar-se membro da Sociedade de Pesquisas Psíquicas.

A última novela de Huxley, *Island* [Ilha], apareceu um ano antes da sua morte. Mais do que uma narrativa de ficção, ela foi uma exposição utópica, na qual o autor procurou criar uma ilha mítica no Pacífico, que incorporou a maioria das suas idéias sociais, filosóficas e bioquímicas. As drogas alucinogênicas desempenharam um papel importante em *Ilha*, exatamente como o fizeram nas horas finais da vida de Huxley. Para facilitar a agonia da morte e a seu pedido, sua esposa deu-lhe LSD.

Em seu livro autobiográfico, *This Timeless Moment* [Este Momento Eterno] (Nova Iorque, 1968), Laura Archera relatou que, em 1965, em uma sessão, o médium de Seattle, Keith Milton Rhinehart, sugeriu contato com Huxley. Ela descreveu que nunca havia “empreendido o estudo da PES, da mediunidade ou do espiritualismo”, mas que uma das sessões “foi inesquecível para todos os participantes; para alguns deles, ela modificou até seus conceitos sobre a morte”. O médium pareceu estar transmitindo observações feitas pelo espírito sobrevivente de Aldous Huxley. Ouvindo a gravação de uma sessão, a Sra. Huxley concluiu que algumas das observações do médium poderiam ter sido apreendidas em sua mente, “até mesmo no profundo inconsciente”. Isto, comentou ela, “eliminará a hipótese da sobrevivência da consciência após a morte do corpo e atribuirá as comunicações à PES”; mais tarde, porém, Rhinehart demonstrou conhecimentos “fora do consciente ou inconsciente de qualquer vivente, inclusive Aldous Huxley, quando ele estava vivo”.

22

## O “RÁDIO MENTAL” DE UPTON SINCLAIR

“Podem existir espíritos dos mortos; e também podem existir criações de nossas próprias faculdades imaginativas, absorvendo vida e trabalhando nas profundezas de nossas men-